

Gleyson Ribeiro Soares

UM MONTE DE - UM ESTUDO DIACRÔNICO SOBRE OS CONTEXTOS DE USO DA  
CONSTRUÇÃO QUANTIFICADORA DA LÍNGUA PORTUGUESA.

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Letras na habilitação Português/  
Inglês.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Karen Sampaio Braga Alonso.

Coorientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux.

Rio de Janeiro  
2023



## AGRADECIMENTOS

E finalmente chegou o momento esperado, eu sinceramente não faço ideia de como começar um agradecimento, mas aqui estou. Primeiramente, eu gostaria de agradecer a minha família por todo apoio que me deram durante esses cinco anos. Principalmente minha mãe por aturar todos os surtos culinários que eu tive durante os períodos de provas. Chorar? Ficar nervoso? Aqui não, aqui a gente vai para cozinha inventar moda. Na verdade, ela que vai a maior parte do tempo. Sem o apoio de vocês eu teria mais dificuldades do que as enfrentadas para chegar nessa etapa final da graduação, muito obrigado.

Obrigado aos meus amigos Paulo, Guilherme, Gabi, Nathália, Andressa, Nonomura e João por todos os momentos de descontração e apoio que me deram durante essa graduação. Também não poderia deixar de agradecer a Samantha, uma amiga que recebi neste final da graduação, mas parece que nos conhecemos já faz tempo. Você é uma grande inspiração de profissional que quero me tornar, obrigado pelas conversas e pelas reuniões de estudos em sintaxe.

Mil obrigados ao naja squad que desde 2018 estamos juntos, o que seria de mim nessa graduação sem a esperança da Yndyara, as risadas da Isabel, o cuidado da Iasmim e a calma da Ana Clara. Vocês sabem que são muito especiais e não deixem de acreditar no potencial de vocês assim como vocês não deixaram eu esquecer do meu. Já passamos por muitas coisas e espero que possamos passar mais tempo juntos ainda, afinal somos mais que amigos, somos friends.

Carool, até aqui eu irei te chamar gritando e se achar ruim submete uma tese me contestando. Obrigado por vivenciar vários surtos da pesquisa comigo durante essa graduação, você é demais!

Obrigado ao Dennis Castanheira, sem você nenhuma das realizações que consegui fazer na minha vida acadêmica teriam acontecido. Se não fosse você brigando e mandando eu ir fazer a entrevista para o D&G, não teria conhecido metade dessas pessoas incríveis que encontrei neste grupo. Obrigado pela confiança que teve em mim desde o 1º período.

Obrigado a Karen e a Carol Fumaux, vocês duas sabem o quanto são especiais para mim. Que loucura foram esses 5 anos, né? Quem imaginaria que iríamos nos dar tão bem, obrigado por serem tão pacientes comigo e embarcarem nas loucuras!

Por fim, e não menos importante, obrigado a minha professora amiga Rafaella Pastana, toda essa história começou com você e me sinto muito especial por ter tido a oportunidade de ter sido seu aluno. Muito obrigado!

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	<b>2</b>
<b>2. Pressupostos teóricos</b>	<b>7</b>
<b>3. Metodologia</b>	<b>11</b>
<b>4. Resultados</b>	<b>14</b>
4.1 Fatores Linguísticos	14
4.1.1 Elementos modificadores na sequência sintagmática	14
4.1.2 Presença e tipo de determinantes antes do SN1	16
4.1.3 Pluralização do SN2	18
4.1.4 Grau de animacidade do N2	19
4.1.5 Início dos anos 2000	20
4.2 Contextos de Uso	21
4.2.1 Dados partitivos	21
4.2.2 Dados agrupados	21
4.2.3 Dados de tom exagerado - irônico	22
4.2.4 Dados de grandes quantidades / valores indeterminados	22
<b>5. Considerações Finais</b>	<b>23</b>
<b>6. Bibliografia</b>	<b>24</b>

## 1. Introdução

Você já parou para pensar na maneira que quantificamos as coisas no mundo? Desde pensamentos como "Que palavras utilizamos?"; "Que tipos de nomes podemos combinar com determinados quantificadores?"; "Quais são os nossos quantificadores e como os utilizamos?". O universo das construções quantificadoras é bem amplo e isso advém de sua longa presença na nossa língua. Inicialmente, determinados quantificadores - *pouco, muito, bastante etc* - foram convencionalizados na nossa gramática normativa. Isso quer dizer que ao recorrer a um manual de gramática, você encontrará um seleto grupo de palavras para quantificar um objeto ou um ser no mundo. Quando expandimos o conhecimento das construções quantificadoras para além de um manual, percebemos como, de fato, os falantes se expressam para quantificar os itens e o leque de opções é maior do que os observados nos manuais. O falante começa a realizar determinadas avaliações no uso da língua e passa a utilizar outras palavras que inicialmente não eram postas para a quantificação. A língua é um sistema totalmente adaptativo e complexo (MARTELOTTA, 2011), ou seja, ela se adapta e consolida conforme as necessidades do uso real do falante, e é por causa disso que temos usos alternativos para a quantificação. No PB, além da quantificação canônica já mencionada, temos as construções binominais quantificadoras alternativas, por exemplo, *um monte de coisa*.

As construções binominais quantificadoras são compostas de dois sintagmas nominais - N1 de N2. Vejamos os seguintes exemplos:

(a) Um monte de coisa.

(N1)        (N2)

(b) Um pouco de água.

(N1)        (N2)

Nas referidas construções, observamos que para expressar a quantificação o slot do N1 é um slot aberto. Nesta posição, a construção irá recrutar nomes que estão convencionalizados como quantificadores, ou seja, os nomes instanciados no N1 agem como quantificadores que podem apresentar diferentes contextos - de grande quantidade, pouca quantidade, quantidade indeterminada, etc. Nas literaturas abordadas neste trabalho e através da experiência obtida com a pesquisa realizada, há uma forte inferência de que os nomes

recrutados para ocupar a posição do N1 em construções binominais quantificadoras alternativas advém de uma avaliação semântica realizada pelo falante, seja ela mais composicional ou menos composicional. Os nomes que estão recrutados para ocupar a posição do N2 são os nomes que são quantificados, através do valor exercido pela semântica presente no N1 o falante realiza a leitura da forma que o N2 está sendo quantificado. Nesta pesquisa, recorreremos ao estudo de Traugott e Trousdale (2013) para definição de construção gramatical, a construção gramatical é concebido como o pareamento de forma e sentido, ou seja, através de aspectos gramaticais e semânticos-discursivos há o elo entre a estrutura [SN1 de SN2] com o sentido [quantificador].

De acordo com Verwekken & Delbecq (2018, apud Fumaux, 2022, p15), os nomes utilizados para ocupar a posição de quantificador são nomes que expandem seus significados além do léxico, ou seja, eles assumem outros significados que inicialmente não eram impostos e em determinados contextos de usos podem ser recrutados para exercer a função de quantificação. É por isso que é interessante observar as construções quantificadoras alternativas, as palavras recrutadas para exercer o papel de quantificador se distanciam do seu uso original quando postas nesse contexto. Um exemplo disso é o *monte*, quando utilizamos a construção *um monte de SN* para quantificar os itens, o seu sentido inicial - um espaço geográfico ocupado por um morro/montanha de tamanho médio - não é recrutado, e quando analisamos os dados encontrados no século XX, esse sentido aparenta está cada vez menos acessível na disputa para o recrutamento visto que cognitivamente a sequência sintagmática *um monte de* se tornou um *chunk* com valor quantitativo na rede mental do falante. Ainda vale ressaltar que estamos chamando esses tipos de construções binominais de alternativas, pois as mesmas não se encontram em manuais de gramáticas e não são ensinadas de formas convencionais nas escolas, mesmo que seja possível encontrá-las em gêneros textuais privilegiados pela norma culta, como em jornais impressos, jornais televisivos, trabalhos acadêmicos, etc.

Atualmente, o uso da construção quantificadora *um monte de SN* tem como função demonstrar uma quantidade grande de algum item, mas sem determinar o valor exato dessa quantidade. Vejamos o contexto expandido do exemplo anterior e um novo dado catalogado no século XX:

1. “você falaram () o que é que compoe um carro? - o que é que compoe um carro?  
 ah: **um monte de coisa** - digamos - bom - motor - que é a: - uma das partes mais importantes - os comandos - assentos - carroceria - rodas - pneus - câmara de ar - é

mais ou menos isso e você como engenheiro o que é que você acha?” (Corpus do Português)

Nesse primeiro exemplo, temos uma conversa entre duas pessoas tentando distinguir as peças que compõem um carro. Por ser tantas peças, o falante utilizou a construção para quantificar o SN2 (coisa) indicando que há tantas peças ao ponto dele perder o controle desta contagem / conhecimento dessas peças. O número de peças exato não é relevante para a situação, visto que o objetivo do falante era explicitar a grande quantidade de coisas que podem ter para compor um carro. Então, nessa situação, podemos dizer que além de quantificar, há também uma impossibilidade de determinar o valor do referente, já que são tantas peças que o falante não consegue ou não quer enumerar todas.

2. “É uma coisa meio difícil. Não é um negócio de sair na rua e virem falar. Mas eu tenho dificuldade quando tem muita gente. Não consigo dar atenção pra **um monte de gente** ao mesmo tempo. Mas, faz parte. Eu me considero mais músico do que artista, não deixo isso morrer nunca. Se eu tiver que optar entre tocar mais ou estudar mais e fazer algo que me ponha como artista, prefiro tocar. Tem muito cara que, quanto maior o público, menos preocupado com a música ele vai estar” (Corpus do Português)

No segundo exemplo, temos uma entrevista com os membros da banda KLB que foi realizada em uma rádio e transcrita para o *corpus*. Nesta entrevista, temos o uso do *um monte* como um quantificador de *gente*, mas diferente do primeiro exemplo, nesse contexto, não há uma “perda da contagem dos itens”, mas há uma generalização da quantidade geral de itens presentes. Em um contexto geral, há muitas pessoas na rua que chamam os integrantes da banda para conversar e por causa dessa grande quantidade eles não conseguem dar a atenção devida. Porém, esse número exato de pessoas aparecendo não é relevante para transmitir a mensagem, pois o foco é apresentar a noção de quantidade e não o valor de quantas pessoas realmente param eles na rua. Portanto, nesse caso, temos o uso da quantificação para demonstrar uma quantidade grande indeterminada, pois há uma generalização sobre esse número alto, que pode ser cinco pessoas, dez, quinze, o número exato é desconhecido, sendo ele um número razoavelmente alto ou muito alto.

A diferença de leitura presente nesse contexto da quantificação não é bem uma novidade, a construção binominal *um monte de SN* durante sua história passou por diversas modificações e usos, do qual foi herdando pequenos traços até chegar a ideia de quantificação

indeterminada. A ideia de quantificação de grande quantidade de itens está implícita no *um monte* e o sentido que isso vai trazer para a leitura do falante vai depender do contexto de uso que ela vai ser inserida. Quando essas construções são aceitas socialmente e tem sua frequência estabilizada pelo uso, ela se torna cristalizada na língua. Dessa maneira, o falante cria uma nova forma de se comunicar que impacta não somente o uso, mas também a forma que sua gramática é vista. Porém, nos registros obtidos pelo *Corpus do português* (DAVIES; MICHAEL, 2006), percebemos que por volta de 1344 a construção *um monte de SN* tinha como foco um uso qualitativo, assim como é demonstrado no trabalho realizado por Fumaux (2018).

Segundo a autora, a construcionalização da construção binominal *um monte de SN* ocorreu após várias mudanças ao longo da história. Inicialmente, a sequência sintagmática estava ligada a uma construção que apresentava um sentido qualitativo, o SN tinha como função especificar a forma que o monte era composto. A partir de usos mais periféricos da construção qualitativa, principalmente de construções que tinham como base a categorização do SN de nomes ligados à matéria - por exemplo: terra, folhas, areia, pedras. Este tipo de uso serviu como um gatilho para despertar novos usos devido ao seu distanciamento semântico do uso inicial. Esse distanciamento provocou mudanças de sentido na construção, havendo um aumento de produtividade e esquematicidade e a diminuição de composicionalidade.

Os primeiros registros que temos no nosso *Corpus* da construção foi realizado em 1433. É interessante observar que nesse período havia pelo menos dois tipos de usos distintos da construção, um locativo e um partitivo especificador de matéria. Os dados locativos tinham como objetivo indicar ou direcionar o falante no espaço geográfico. Entretanto, esses tipos de dados foram descartados, eles não representam o ponto de partida da nossa construção quantificadora. Por outro lado, os dados partitivos, especificadores de matéria, apresentavam uma inferência de repartição, esses dados se comportam representando uma parte de determinada coisa - na sessão de análise entrarei em mais detalhes de como esses dados partitivos se comportavam - e é a partir desse uso que possivelmente a construção caminhou para outros contextos dando entrada ao sentido quantificador.

Essas mudanças foram responsáveis por criar um novo elo na rede linguística do falante, há um deslocamento do núcleo - que inicialmente estava alocado no N1 da construção - um monte - e passa a ser o SN2 - o nome quantificado. Portanto, a construção se consolida como uma construção quantificadora quando ocorre essa mudança tanto na forma quanto no sentido, gerando uma nova maneira de quantificar os itens na língua portuguesa.



Brodbeck (2010) também corrobora com a hipótese de que a sequência *um monte de SN* passou por mudanças até chegar no seu sentido quantificador por via de uma análise do processo de gramaticalização da referida construção. Segundo a autora, o sentido quantitativo emergido nos sintagmas se dá devido a um impulso metafórico a respeito da modificação da estrutura de *qualia* da unidade lexical, no qual o traço do domínio-fonte de *monte* - quantidade é verticalidade - é incorporado na mescla. Isso significa que ao se distanciar dos usos qualitativos, a construção apresenta um movimento na sua representação imagética em que há o atributo de quantificação e a recuperação do traço formal da estrutura de *Qualia* do monte e, assim, mantendo o esquema imagético do domínio-fonte.

Apesar da metodologia utilizada ser diferente, os estudos de Fumaux (2018) e Brodbeck (2010) corroboram que a construção quantificadora *um monte de sn* surgiu de um uso mais distante do uso qualitativo. Porém, mesmo que apresente novos traços semânticos, através das pesquisas é possível identificar que os usos mais antigos influenciaram em um certo grau essas alterações. Essas mudanças vão em encontro com o que o Alonso (2010) discorre sobre as construções binominais. De acordo com Alonso, às construções binomiais quantificadoras *N1 de N2* são bastante produtivas no sentido de ampliar o léxico de palavras que podem assumir o papel de quantificador no slot do N1, além disso, a autora contribui com os estudos discorrendo que quando uma construção for quantitativa de grandes quantidades há uma chance alta de apresentar uma hipérbole no contexto que é inserida. Segundo Alonso (2010), por mais que cada construção quantificadora apresente um uso distinto em determinado contexto específico - grande quantidade, hiperbólico, pequena quantidade e etc - elas compartilham alguma semelhança entre si, seja em menor ou maior grau. Esse estudo corrobora com o que vamos apresentar nesta pesquisa, por mais que tenhamos atualmente a construção *um monte de SN* com valor quantitativo, através de um estudo diacrônico conseguimos enxergar como seu uso foi se modificando através de compartilhamento de alguns traços semânticos.

Através desses estudos, comecei a me questionar sobre quais elementos linguísticos e semânticos pragmáticos atuaram durante essas modificações, ou seja, que fatores foram responsáveis para a construcionalização da sequência sintagmática no português com o sentido quantitativo e que tipos de usos foram emergindo com essas modificações. Começamos a nossa busca pelos contextos de usos em 1433 com dados obtidos pelo *corpus do português* e vamos até o início dos anos 2000 observando cada mudança que a construção foi sofrendo. A fim de organizar melhor essas mudanças, nós criamos inicialmente quatro grupos de contextos de usos: partitivo, agrupado, exagerado / irônico e de que grande

quantidade indeterminada. Importante observar que inicialmente essas categorias servem apenas como forma didática de lidar com os estudos desses contextos de usos, um dado pode conter uma leitura ambígua podendo estar numa fronteira entre um grupo ou outro devido às semelhanças que seus traços semânticos compartilham entre si. Além disso, levou-se em conta a análise de determinados fatores linguísticos formais, tais como: elementos modificadores na sequência sintagmática; presença e tipos de determinantes antes do SN1; pluralização do SN2; e a animacidade do SN2. Para cada fator foi estabelecido um objetivo e uma hipótese que será discutida na seção da metodologia.

Com essas delimitações postas, temos como objetivo analisar como esses fatores contribuíram para a construção de sentido ao longo do tempo. Acreditamos que da mesma maneira que os contextos de usos vão herdando traços entre si para a emergência de um novo tipo de contexto, os fatores linguísticos em si também vão se adaptando e modificando a sequência sintagmática de acordo com esses diferenciados usos. Portanto, esse trabalho pretende apresentar os conceitos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e da gramática de construções que embasam o estudo realizado, em seguida demonstrar como a metodologia foi estruturada e apresentar os resultados obtidos pela análise diacrônica qualitativa sobre os contextos de usos e os fatores linguísticos. Por fim, após as análises, apresentaremos um mapa panorâmico discorrendo sobre os principais pontos que foram levantados durante a análise dos dados.

## **2. Pressupostos teóricos**

A abordagem teórico-metodológica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) abarca os marcos teóricos deste estudo. A LFCU, linha teórico metodológica utilizada por pesquisadores como Bybee (2010), Cezario & Furtado (2013), Traugott e Trousdale (2013), Goldberg (2006) Barlow e Kemmer (2000), e outros, sustenta que o uso constante da linguagem pelo falante tem um impacto crucial na gramática. Segundo essa perspectiva, a gramática se organiza e relaciona em uma rede de construções ligadas por nós. A LFCU trabalha com a teoria da gramática de construções emergidas do uso, considerando os aspectos discursivos, semânticos e pragmáticos. Nessa abordagem, acredita-se que as construções gramaticais emergem a partir do uso nas interações entre os falantes, em resposta a necessidades comunicativas. Por ser tratar de construções emergidas do uso, a abordagem teórica-metodológica demanda que ao estudarmos a língua é necessário que olhemos para dados que possam ser empiricamente atestados, isso quer dizer que ao utilizar dados para

estudar um determinado fenômeno é de interesse da LFCU trabalhar com dados que foram registrados de usos reais dos falantes. De acordo com Cezario & Furtado (2013), o sistema linguístico está conectado diretamente com as capacidades cognitivas dos falantes, ou seja, a forma como categorizamos as experiências de vida refletem na maneira que vamos conceptualizá-las no sistema linguístico. Essa abordagem não descarta as análises formais propostas por outras linhas teóricas, mas ressalta que:

“as mudanças ocorridas com os elementos linguísticos envolvem não apenas uma inferência entre diferentes níveis estruturais da língua, como também uma relação com os contextos discursivo-pragmáticos em que os elementos envolvidos tendem a ser utilizados.” (Martelotta, p.55-56, 2011)

Deste modo, as propostas estabelecidas nesta pesquisa não tem como objetivo analisar os fenômenos linguísticos a um único nível estrutural formal, levaremos em conta os contextos em que os dados estão apresentados. De acordo com Martelotta (2011), a base do conhecimento linguístico está na habilidade que o ser humano tem de categorizar o mundo e organizá-lo em diferentes domínios de conhecimento - através das suas semelhanças ou analogias. Nessa perspectiva levamos em conta os aspectos que vão além das estruturas linguísticas formais, observamos de que maneira os domínios cognitivos de processos gerais estão envolvidos com a linguagem e como isso afeta a representação mental dos falantes nos contextos de uso que são emergidos por seus julgamentos. Para a LFCU, o:

“... o sistema tem um caráter eminentemente dinâmico ou emergente, já que nasce da adaptação das habilidades cognitivas humanas a eventos de comunicação específicos e se desenvolve a partir da repetição ou ritualização desses eventos.” (Martelotta, p.57, 2011)

Portanto, levar em consideração os eventos de uso que são emergido através de fatores semântico-pragmáticos são cruciais para entendermos as mudanças e as continuidades da estruturação do sistema linguístico, visto que os fatores citados não representam somente o uso final do falante, mas fornece os inputs para o processo cognitivo e linguístico do falante.

Barlow e Kemmer (2000) apresentam um estudo com base na LFCU que vai discutir sobre a relação entre o uso real da língua do falante e a imersão das estruturas linguísticas. É

entendido como uso real da língua os eventos que o falante experiênciava na vida, a maneira que o falante vai produzir os elementos linguísticos gerais, como os fonemas, morfemas, padrões sintáticos e etc., vão ser sempre carregados de algum propósito comunicativo, a língua não se concretiza apenas por regras internalizadas e intuitivas. É reconhecido através desse estudo que as mudanças linguísticas são vistas como atividades sociais e interativas nas quais os falantes usam estruturas linguísticas para transmitir significado e as adaptam de acordo com as suas necessidades. A estrutura da língua é flexível e muda de acordo com o contexto que é moldada. Portanto, a relação entre o uso real da língua e a imersão das estruturas linguísticas são baseadas nas relações de input e output das necessidades comunicativas dos falantes no qual vai sendo abstraído o que o falante considera como experiência válida.

Em relação aos estudos das construções, Goldberg (1995;2006) afirma que os pareamentos de forma e sentido presentes nas unidades gramaticais que compõem essa corrente teórica podem ser entendidos como combinações aprendidas de forma com função semântica ou discursiva. Isso inclui morfemas ou palavras, idiomatismos e padrões sintagmáticos parcialmente preenchidos ou totalmente gerais. Porém, não é qualquer combinação que pode ser considerada uma construção. A autora discorre que um padrão linguístico vai ser reconhecido como construção desde que seus aspectos relacionados à forma e função não sejam previsíveis a partir dos seus constituintes. Isso quer dizer que para considerarmos uma construção é necessário que o elo entre as palavras e o sentido seja visto como um conjunto completo, e não palavras com sentidos separados.

De acordo com Croft (2001), a conceitualização da gramática de construções é realizado pelo pareamento de forma e de sentido, porém, é um sentido parcialmente arbitrário. É entendido que o sentido de uma construção gramatical advém de fatores discursivos e pragmáticos, por isso, a forma gramatical de uma construção não deve ser analisada com base em propriedades tradicionais, deve-se partir de um nível mais idiomático mais simples até um mais complexo.

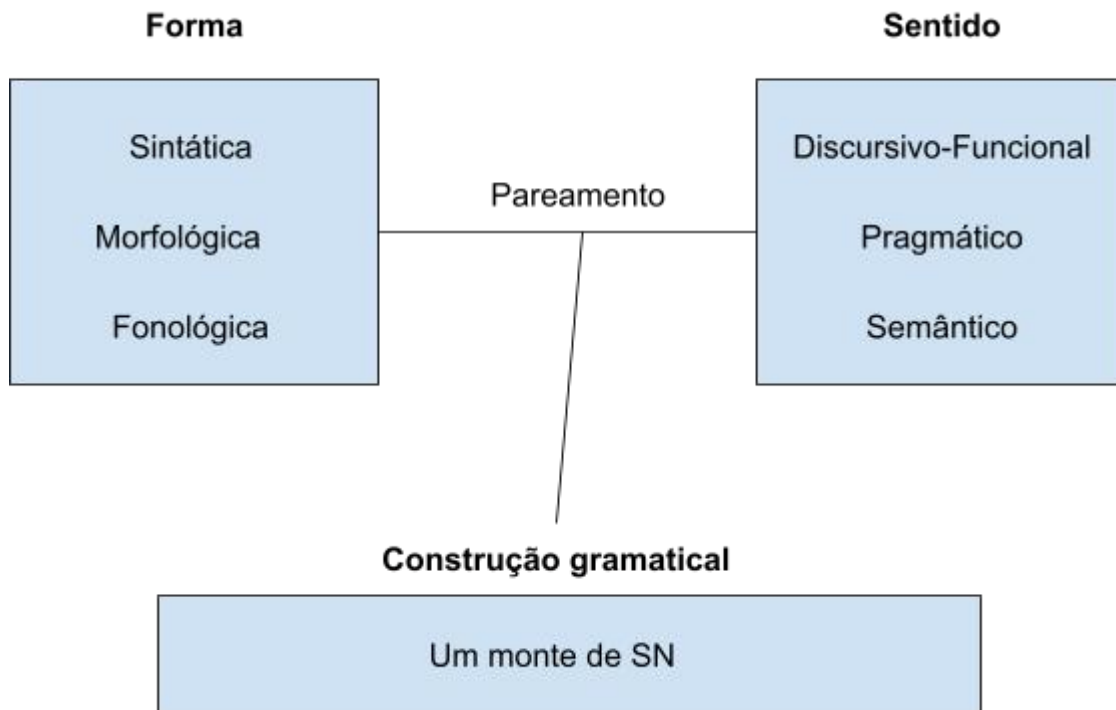


Figura.1 Sistematização do conceito de Croft (2001). Adaptado da versão presente em 2001:18.

Portanto, ao discorrermos sobre gramáticas de construções, estamos considerando que os eventos de usos refletem o sistema linguístico do falante e que age diretamente no sistema linguístico cognitivo. Esse uso não é gratuito, ele não ocorre do nada, há uma movimentação na comunidade dos falantes em avaliar se o uso realizado é aceito ou não. Ao reforçar o uso, aumentando sua frequência, o falante avalia como algo positivo e o pareamento é incorporado ao sistema linguístico se estabelecendo como uma construção gramatical.

De acordo com Bybee (2010), a frequência do uso da construção gramatical é um dos fatores que vai determinar sua cristalização na língua e até mesmo a sua mudança. Conforme o falante aumenta a frequência de uso de uma determinada construção, esse uso passa por diversos processos cognitivos de domínios gerais que o fixam como um pareamento estabelecido ou o modificam, surgindo um novo pareamento. Bybee (2010), argumenta que as mudanças na língua podem ser explicadas pela gradiência presente nas estruturas linguísticas. A natureza da linguagem é ao mesmo tempo regular e variável. Embora as construções sejam moduladas pelo mesmo princípio, elas são distintas umas das outras. Bybee utiliza a metáfora da duna para ilustrar essa gradiência, comparando a língua a um grão de areia formador de dunas, que ao longo do tempo adquirem novas formas sem perder suas características essenciais.

Para corroborar com as mudanças nas construções gramaticais, trabalhamos com Traugott e Trousdale (2013), segundo os autores, a construcionalização gramatical refere-se ao processo de surgimento de uma nova construção na língua, ou seja, um novo pareamento de forma - a estrutura *Um monte de [SN2]* - e sentido - quantitativo, que é conectado a um novo nó na rede. A construcionalização é acompanhada por mudanças nos graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade da construção:

- (1) Esquematicidade: se refere à propriedade cognitiva responsável pela categorização dos itens, é realizada através da abstração das construções em categorias organizadas de modo hierárquico. De acordo com os autores, é possível identificar a esquematicidade em três níveis esquemáticos na rede construcional: o nível dos esquemas (o nível mais alto); o nível dos sub-esquemas (nível intermediário); e o nível das microconstruções (o nível mais baixo ou menos esquemático). A abstração realizada nos níveis mais altos advém do uso linguístico do falante, ou seja, o falante entende como categoriza os itens que experiência na língua, e através da categorização e abstração, ele o organiza de maneira mais esquemática, semi-esquemática ou menos esquemática.
- (2) Produtividade: se refere a frequência de uso do *type* ou *token* da construção gramatical. A frequência de *type* está relacionada ao número de ocorrências que é encontrada no slot esquemático da construção, enquanto a frequência *token* está relacionada ao número de ocorrência que o *type* é encontrada nos corpus.
- (3) Composicionalidade: se refere ao sentido que é estabelecido pela construção ao ser entendida pela soma de suas partes únicas.

### **3. Metodologia**

Para cumprir os objetivos citados foi criado um corpus diacrônico que abrange do século XIII até o XX utilizando o Corpus do Português (DAVIES;MICHAEL, 2006). O Corpus do português s é organizado pelos professores Mark Davies, da Brigham Young University, e Michael J. Ferreira, da Georgetown University, e é formado por quarenta e cinco milhões de palavras e uma enorme variedade de registros, com um acesso a quase

57.000 textos. Do corpus do português foi utilizada a seção Gênero - histórico com a instância um monte de SN para coletar aproximadamente 350 dados para realizar uma análise exploratória. Os dados obtidos pertencem a diferenciados gêneros textuais - textos religiosos, gêneros literários, textos históricos, cartas e etc. A diversidade presente na fonte dos nossos dados contribuiu para que ao analisar o contexto de uso emergente fosse possível fazer uma leitura mais abrangente de como a construção é utilizada em espaços culturais diferentes.

Os 350 dados obtidos foram re-analisados visando filtrar os dados que fugiam da nossa construção, mas que estavam inseridos na categoria - por exemplo, os dados locativos como “monte de Athenas”. Após a reanálise, o *corpus* utilizado para o trabalho foi finalizado com 318 dados. Apesar de ter obtido 318 dados na reanálise, não foram todos utilizados para catalogação em períodos devido à dificuldade de validar os registros escritos dos documentos encontrados. Para resolver essa condição, os dados foram datados até os primeiros anos do século XIX para serem agrupados em um período a cada 50 anos para a realização da análise qualitativa. Essa divisão do tempo foi realizada com o objetivo de poder enxergar melhor cada fator estabelecido dentro dos séculos investigados e tentar diminuir a diferença de dados totais entre um período e outro adjacente.

Após o agrupamento, foi realizada uma análise linguística com base nos seguintes fatores: elementos modificadores na sequência sintagmática; presença e tipo de determinantes antes do SN1; pluralização do SN2; e grau de animacidade no SN2. Para cada fator foi estabelecido um objetivo e uma hipótese:

Fatores	Objetivos	Hipóteses
Elementos Modificadores na sequência sintagmática	Verificar a presença de elementos que modifiquem a sequência sintagmática <i>um monte de SN</i> .	Acredita-se que, ao longo do tempo, cada vez seja menos aceita a presença de elementos modificadores dentro do SN1.
Presença e tipo de determinantes antes do SN1	Verificar a presença e o tipo de determinante que está integrado na estrutura da construção. Acredita-se que com o tempo menos elementos serão aceitos.	Pretende-se demonstrar que o artigo indefinido <i>um</i> será privilegiado para ocorrer nessa construção, passando a ser parte total dela.
Pluralização do SN2	Descrever se o SN2 na construção está regido por uma marca de pluralização.	Acreditamos que com o passar do tempo mais nomes pluralizados serão preferidos

		na construção até o sentido de quantificação estar presente totalmente. Após o sentido de quantificação estar estabilizado, acreditamos que a marca de pluralização já não será necessária para inferir o sentido quantitativo.
Grau de animacidade do SN2	Avaliar se o nome recrutado para fazer parte do SN2 da construção é um nome mais animado ou menos animado.	Espera-se que haja um preferência no recrutamento de referentes inanimados nos primeiros contextos identificados ao longo da história e com o passar do tempo o aumento da produtividade da construção passe a recrutar mais nomes animados.

Tabela 1 - Fatores formais linguísticos.

Com a análise de fatores linguísticos formais esperamos realizar um panorama qualitativo sobre as mudanças que foram identificadas da sequência sintagmática. Após a análise linguística, os dados serão categorizados em quatro contextos de usos distintos com o objetivo de criar um mapa panorâmico que possa apresentar uma inferência do momento próximo que o contexto de uso passou a ser utilizado na história da construção binominal *Um monte de SN*. Para cada contexto de uso foi estabelecido uma semântica padrão de uso:

Contextos de Uso	Sentido
Partitivo	Relação parte-todo do objeto com o especificador de matéria.
Agrupados	Agrupamento de itens semelhantes em um mesmo local - espaço com crescimento vertical ou horizontal.
Exagerado / Irônico	Exagero realizado por um agrupamento desproporcional ao contexto apresentado. Esse sentido desproporcional pode causar uma leitura irônica na situação descrita.
Grandes quantidades / valores indeterminados	O uso tem como inferência uma grande quantidade de itens mas seu valor é



	indeterminado.
--	----------------

Tabela 2 - Fatores do contexto de uso.

## 4. Resultados

### 4.1 Fatores Linguísticos

#### 4.1.1 Elementos modificadores na sequência sintagmática

Elementos Modificadores na sequência sintagmática		
Período	Frequência	Dados totais
1344	0%	03
1394	0%	01
1444	0%	02
1494	28%	07
1544	90%	05
1594	0%	03
1644	0%	01
1694	0%	03
1744	22%	09
1794	0%	02
1844	7%	26
1894	0%	07

Tabela 3 - Resultados dos elementos modificadores.

Os resultados obtidos com a análise dos elementos modificadores na sequência sintagmática mostraram-se favoráveis ao que foi postulado nas nossas hipóteses. Ao longo da história, observamos que os dados partitivos iniciais - os que ocorrem entre o período de 1344-1444 - ainda eram bem restritos em especificar o monte. Os nomes instanciados no SN2 tinham como função caracterizar a matéria ou estado que o monte - espaço - se encontrava sem o auxílio de algum modificador para dar ênfase a sua forma. Vejamos o seguinte dado:

"E o termho d'Elvyra he muy avondado e ha hy hu~u~ monte a que chama~ Xalayr. E tanto quer dizer Xalayr como *monte de geada*, por que em todo ho a~no nu~ca se parte della a neve, ca tanto que se hu~a neve parte logo a outra vem..." (Crônica Geral da Espanha, 1344)

Este dado está relatando a história da origem do nome do monte Xalary. Segundo o registro, o monte recebeu esse nome por haver uma parte que está sempre coberta de neve independente do tempo. Ao utilizar "monte de geada" para comparar o significado dos nomes, o dado está nos mostrando que geada é um uso qualitativo pois caracteriza a matéria que compõe - seja ela parcial ou total - aquele espaço do monte. Nessa construção, o SN2 já tem como função realizar a especificação do monte, por isso, não aparenta haver a necessidade de apresentar um outro elemento para caracterizar novamente o monte. Porém, com o passar do tempo, adjetivos como grande, pequeno e alto começam a aparecer intervindo na sequência padrão *um monte de SN* com o objetivo de realizar uma segunda especificação do monte.

"E per este modo tal guasto todos meus çapatos derodes pera pilatos. Ando muyto mays bolido do que he ssaco de malha tenho *gram monte de palha* mas o gram nam he auido. Sem chegar a sser ouuido rrompo todos meus çapatos derodes pera pilatos." (Corpus do Português)

Neste dado, temos uma pessoa que passou por um longo período andando e por causa disso estava com seus sapatos danificados. Com o objetivo de tentar amenizar as dores causadas por andar descalço, o sujeito agrupa um conjunto de palhas e as insere dentro de uma sacola para pôr nos pés a fim de diminuir o impacto dos pés no chão. Neste uso, a construção recebe um elemento modificador no SN1 devido ao um pequeno distanciamento que ela tem dos usos iniciais. Antes o SN2 conseguiu caracterizar o monte sem auxílio de outros modificadores, pois o monte era um local fixo e um objeto único. Com o passar do tempo, os falantes começaram a associar a imagem do monte em itens agrupados que representassem a forma do monte, independentemente deles serem grandes ou pequenos, e por causa disso há uma inferência de ter uma necessidade de especificar o tamanho desse amontoado de itens.

Quando a construção começa a apresentar uma inferência quantitativa, por volta de 1844, observamos um processo que podemos chamar de conservador, visto que a construção quantitativa volta a não apresentar os elementos modificadores intervindo na sequência

sintagmática. Porém, isso não é motivado pela caracterização exercida pelo SN2, mas pelo *chuking um monte de*. Vejamos o exemplo:

“Sobre uma cadeira alastrava-se *um monte de meias de seda*, de todos os tons, unidas, bordadas, abertas em renda, e tão leves, que uma aragem as faria voar; e, no chão corria uma fila de sapatinhos de verniz, todos do mesmo estilo, longos, com o tacão baixo, e grandes fitas de laçar..” (Corpus do Português)

Neste dado, nós temos um número desconhecido de meias que se alastraram sobre uma cadeira. Não é possível identificar se eram três, quatro, cinco, dez, vinte meias ou se elas estavam em forma de monte quando começaram a se alastrar, porém, é possível identificar a inferência do sentido de valor para demonstrar que tinha uma quantidade razoável de meias sobre a cadeira. Quando a construção começa a ter uma inferência quantitativa, o sentido de valor exercido pelo *monte* abdica de ter elementos modificadores para auxiliar na inferência de quantidade, pois não é de interesse demonstrar de que tamanho era a forma que esses itens estavam formando. Concluimos que através desses resultados nossa hipótese foi favorável visto que quando a construção se consolida como uma construção quantificadora o falante não tem interesse em especificar a forma, mas transmitir o valor de quantidade do item presente no SN2.

#### 4.1.2 Presença e tipo de determinantes antes do SN1

Presença e tipo de determinantes antes do SN1				
Período	Artigo indefinido <i>um</i>	Artigo definido	Outros tipos de determinantes	Sem determinante
1344	-	-	3	-
1394	-	-	-	1
1444	-	1	1	-
1494	4	-	1	2
1544	3	-	1	1
1594	3	-	-	-
1644	-	-	-	1

1694	-	-	2	1
1744	7	-	2	-
1794	2	-	-	-
1844	14	5	7	-
1894	4	2	1	-

Tabela 4 - Resultados da presença e tipo de determinantes antes do SN1.

Em relação a presença e tipos de determinantes antes do SN1, os resultados foram positivos em relação a nossa hipótese. Em relação aos dados quantitativos, observamos que o uso de diferentes determinantes foi aumentando com o tempo, entretanto, tivemos uma estabilidade em relação ao uso do artigo indefinido *um*. Em 1844, foi o bloco que obtivemos o maior número de artigos indefinidos - 14 dados. Também é interessante observar que neste mesmo bloco há a maior concentração de artigos definidos - 5 dados - e outros tipos de determinantes - 7 dados. Com isto, observamos que há uma inferência de diferentes contextos de usos sendo realizados neste período de tempo. A construção quantificadora *um monte de SN* apresenta ter uma preferência pelo artigo indefinido *um* para iniciar a sequência sintagmática. Essa preferência se dá pelo próprio sentido exercido pela construção, como não há interesse em determinar o valor da quantificação, a indeterminação do artigo para instanciar o início dessa sequência contribui com o uso retirando qualquer valor característico sobre o monte, dado que *um monte* não age mais como um item que vai ser caracterizado, e sim como um quantificador que não tem seu valor especificado. Dessa maneira, o valor atribuído pode ser qualquer um. Entretanto, quando olhamos para o uso inicial dessa construção, observamos que o artigo definido *o* e a preposição *de* tinha uma preferência no recrutamento quando a construção apresentava um uso qualitativo, pois não se falava de qualquer tipo de monte, mas de um específico com as características atribuídas pelo SN2. Vejamos os dados abaixo:

- (a) E nace de hu~u~ mo~te que ha enno termho d'Elvyra que ha nome Darraa; e e~ este ryo colhen as limaduras do ouro fyno; e entram e~ elle ryos que s[aae~] do *monte da geada*. (Corpus do Português)
- (b) Dei um salto da cadeira; varri inquieto o olhar em derredor. ao lado da minha mesa havia **um monte de folhas de papel cobertas de tinta**; as velas bruxuleavam a extinguir-se e o meu cinzeiro estava pejado de pontas de cigarro. (Corpus do Português)

No dado (a), é apresentada uma conversa sobre por onde passam as ramificações dos rios. Nesta conversa é descrito que um rio saiu *do monte de geadas*, a presença da preposição neste dado serve para reforçar que a construção está atuando com foco no *monte*, pois, atribui o sentido de posse sobre o que está sendo falado sobre o monte. Além de, especificá-lo como uma unidade única, não é de qualquer monte que tem aquele rio saindo, é do monte da geadas. Quando olhamos para o dado (b), é possível observar como o artigo indefinido *um* apresenta uma leitura totalmente diferente da anterior. No dado (b), está sendo descrita uma situação de uma pessoa que se depara com uma desorganização no seu ambiente e tenta arrumar isso. No uso “*um monte de folhas de papel cobertas de tinta*”, o artigo indefinido *um* não traz nenhuma especificação para o monte por ter um valor quantitativo. Quando isso ocorre não há como especificar algo que semanticamente representar um valor indeterminado, portanto, o artigo indefinido *um* nessa sequência sintagmática reforça esse uso, visto que não há a leitura de um monte - o espaço geográfico - e nem uma representação imagética do monte - como em caso de dados agrupados - para ser especificado.

#### 4.1.3 Pluralização do SN2

Pluralização do SN2		
Período	Marca de pluralização presente no SN2	Marca de pluralização não presente no SN2
1344	-	3
1394	-	1
1444	1	1
1494	2	5
1544	1	4
1594	1	2
1644	-	1
1694	-	3
1744	3	6
1794	2	-

1844	14	12
1894	5	2

Tabela 5 - Resultados da pluralização do SN2.

Em relação à pluralização do SN2, acreditávamos que, ao longo do tempo, quanto mais a construção tivesse ligada ao sentido de quantificação, menos a marca de pluralização seria necessária. Porém, através dos dados, observamos que a marca de pluralização no SN2 se manteve bastante presente mesmo após a construção se estabilizar com o sentido quantitativo - apresentando um total de 19 dados positivos entre 1844-1944. Observamos também que a marca de pluralização começou a ser utilizada em dados que apresentassem um sentido partitivo / itens agrupados:

“Entom cortarom os portugueeses as pontas dos çapatos, que husavom em aquell tempo muito compridas, e deitadas todas em huu logar, era sabor de veer *tall monte de pontas*” (Corpus do Português)

Este foi o primeiro dado do nosso *corpus* que apresentou a marca de pluralização. Este dado fala sobre os portugueses que cortavam as pontas dos sapatos que eram muito compridas naquele tempo, e essas pontas eram colocadas em um local específico formando assim um aglomerado de pontas. Apesar da marca de pluralização apresentar uma inferência de um item pluralizado, o foco nessa construção ainda não está sobre o SN2, a palavra *pontas* neste contexto está relacionada aos objetos que estavam compondo uma visão imagética do monte. Portanto, nesse contexto, a marca de pluralização nos ajudou a identificar que o SN2 se referia a um conjunto de objetos que agrupados formam a imagem de um monte. Acreditamos que a partir desse tipo de uso que a marca de pluralização começou a ter sua frequência aumentada até ser utilizada nos primeiros dados quantitativos presente no *corpus*.

#### 4.1.4 Grau de animacidade do N2

Grau de animacidade do N2		
Período	ser animado	ser inanimado
1344	-	3

1394	-	1
1444	-	2
1494	1	2
1544	-	5
1594	-	3
1644	-	1
1694	-	3
1744	-	9
1794	-	2
1844	1	25
1894	-	7

Tabela 6 - Resultados do grau de animacidade do SN2.

Em relação ao grau de animacidade do SN2, a nossa hipótese inicialmente não foi favorável aos resultados. Em relação aos resultados quantitativos, obtivemos apenas 2 nomes animados - peixe e peixes. Esperávamos que quando a construção começasse a apresentar um valor quantitativo, mais nomes animados fossem ser recrutados para ocupar o espaço no SN2. Entretanto, mesmo com uso da construção no sentido quantitativo não obtivemos dados que representassem a categoria. Apesar de termos dois nomes animados, não ficou claro no contexto dos dados se esses animais estavam sendo tratados pelo valor semântico de [ser vivo] ou [alimento]. Devido a isso, seguimos com os resultados de não haver nomes animados ocupando o SN2 na construção.

#### 4.1.5 Início dos anos 2000

Fatores		Dados obtidos	Dados totais
Elementos modificadores na sequência sintagmática		6	209
Presença e tipo de determinantes antes do	Artigo indefinido um	175	

SN1	Outros determinantes	34	
Pluralização do SN2		115	
Grau de animacidade do SN2		44	

Tabela 7 - Resultados dos dados iniciais do anos 2000.

Em relação ao início dos anos 2000, nossas hipóteses se mostraram favoráveis. Em relação aos elementos modificadores, os que foram encontrados neste período de tempo - 6 dados - foram construções com sentido partitivo que ainda são realizadas. O Artigo indefinido *um* se tornou predominante em construções quantitativas - com um total de 175 dados obtidos, e foram identificados novos tipos de determinantes também ocupando a posição antes do SN1 em construções quantitativas - como os pronomes demonstrativos *esses* e *aqueles* - com aproximadamente 15 dados. Apesar dos pronomes demonstrativos estarem atuando em construção quantitativas, é interessante observar que elas traziam um sentido novo no discurso, pois o pronome demonstrativo nessa construção contribui para leitura anafórica do item quantificado, ou seja, nos dados encontrados com pronomes demonstrativos, o SN2 quantificado já foi mencionado anteriormente no discurso.

Em relação a pluralização do SN2, a marca de pluralização no item quantificado apresentou uma certa estabilidade - dos 209 dados obtidos, 115 apresentaram a marca de pluralização. Chegamos a conclusão de que a marca de pluralização não é um item obrigatório para transmitir o valor quantitativo nesta construção, porém, ela reforça o valor quantitativo quando utilizada. Em relação ao grau de animacidade, observamos que o uso de nomes [+ animados] passaram a ser utilizados no final do século XIX - com 44 dados obtidos, inicialmente nomes específicos começaram a ser recrutados - como *jornaleiros* e *turistas* - e posteriormente nomes generalizados animados passaram a integrar a construção - como *gente* e *peessoas*.

## 4.2 Contextos de Uso

### 4.2.1 Dados partitivos



“hu~a proui~cia de terra de Jndia a que chama~ Ophir que antigame~te era chamada Terra dOuro, porque em ella auia *mo~tes douro*, e~ que a leo~o~es e bestas muy crueuees,...” (Corpus do Português)

Analisando os contextos de usos que os dados apresentaram ao longo da história percebemos que a construção *um monte de SN* no valor quantitativo partiu de usos partitivos. Os dados que apresentavam a relação imagética entre o monte e algo que compõe parte dele foram categorizados como partitivos. Estes tipos de dados tiveram predominância no período entre 1344-1393.

#### 4.2.2 Dados agrupados

“ally se llamçava~o sobre *os momtes de palha* que tinham pera suas camas, caa aquelle he o tempo em que elles mais atura~ semelhantes lugares,...” (Corpus do Português)

Neste contexto, os dados apresentam uma relação ambígua com dados partitivos, isso porque ao analisarmos os dados que estão postos sendo agrupados em determinado local, os mesmos também apresentam uma relação partitiva. Para realizar esse agrupamento, levamos então em consideração como era descrito o local e a maneira que o monte estava sendo descrito ao ocupar esse local. Em contextos em que o espaço estava sendo delimitado de uma maneira restrita categorizamos como dados pertencentes ao contexto de uso de agrupamentos. Esses dados começaram a ser encontrados por volta de 1494-1543.

#### 4.2.3 Dados de tom exagerado - irônico

“A MULHER POLÍTICA Uma " crise " ministerial sob o Príncipe Regente. Carta à Princesa Senhora: Tomara eu poder comunicar a Vossa Alteza Real V. A. R. as notícias públicas, porém *um monte de patranhas e de cousas incertas é quanto sei.*” (Corpus do Português)

Inicialmente encontramos poucos dados que transmitisse a ideia de quantificação hiperbólica / irônica. Entretanto, despertou nossa atenção esse tipo de dado começar aparecer próximo dos primeiros dados quantitativos. Há uma inferência que o falante poderia utilizar uma quantificação hiperbólica para ironizar ou exagerar sobre algo que estava sendo dito. No

nosso corpus encontramos esses tipos de dados em 1809 e posteriormente só quando adentramos no início do século XX.

#### 4.2.4 Dados de grandes quantidades / valores indeterminados

“É, aqui em Atibaia, só se fala mesmo nisso. Eu não quero que o Nelsinho saia, não. Se ele sair, eu saio junto. Se o mandarem embora, tenho certeza de que *um monte de jogadores* vão querer sair também. Seria muita sacanagem. Estado - Sim, mas também pode ser o caso de ele não querer ficar e ter propostas interessantes de outros clubes.” (Corpus do Português)

Este contexto de uso é o que representa a construção binominal quantificadora, os dados presentes nesse uso apresentam um valor quantificador indeterminado, mas o contexto que é utilizado nos transmite de forma indireta de que se trata de uma grande quantidade. Neste tipo de contexto, o SN2 passa a recrutar variados tipos de nomes, independente de sua semântica - nomes abstratos, matéria, animado, inanimado e etc.

### 5. Considerações Finais

Este trabalho teve como pressuposto teórico-metodológico a Linguística Funcional Centrada no uso, através dessa corrente teórica tivemos como objetivo apresentar um pequeno panorama pelo qual a construção binominal quantificadora *um monte de sn* passou ao longo da história da língua portuguesa. Para realizar essa análise, utilizamos o corpus do português que se mostrou bastante eficaz na metodologia proposta, principalmente pela ferramenta que nos permite buscar os dados através dos séculos. Após a coleta de dados, estabelecemos fatores linguísticos formais com base nas literaturas estudadas e a partir disso estabelecemos critérios semânticos-pragmáticos para agrupá-los em categorias de contextos de usos distintos.

Com a realização da análise percebemos como a língua se modifica e adapta aos diversos contextos de usos que o falante a impõe. Em relação aos aspectos formais, percebemos como determinados fatores contribuíram para a inferência de quantificação presente no SN2, mas essa inferência não ocorreu de maneira abrupta. Através das observações, percebemos como cada uso apresentou semelhanças e traços que foram herdados para um novo sentido até chegar na quantificação. Dos fatores estabelecidos, a pluralização do SN2 e o grau de animacidade aparentemente não deram conta de demonstrar

o processo de quantificação inicialmente. Entretanto, ao adentrar no início dos anos 2000, conseguimos identificar como esses fatores estavam atrelados ao uso da quantificação.

Em relação ao contexto de uso, conseguimos demonstrar que a nossa jornada começa por volta de 1344 quando ainda temos dados partitivos ligados ao sentido de matéria e que eram bem restritos ao monte. A partir desse uso, por volta de 1494, a construção passa a representar um esquema imagético do monte, no qual itens começaram a ser agrupados a fim de obterem a forma de um pequeno monte. Esse tipo de contexto foi essencial para entendermos como foi realizada a transposição de especificar a matéria do monte - espaço geográfico - para agrupar um conjunto de materiais para formar um monte. E é a partir de 1794 que a inferência da quantificação presente no SN2 começa a se tornar mais forte. Devido a usos hiperbólicos começarem a estar ligados à construção, há inferência de quantificação presente no SN2 está mais recorrente do que em construções que estejam ligadas ao sentido partitivos - dessa maneira, a construção se distancia mais ainda do seu sentido inicial. Por fim, a partir de 1844, o SN2 começa a atuar como item quantificado e a sequência sintagmática *um monte de* passa a atuar como um quantificador.

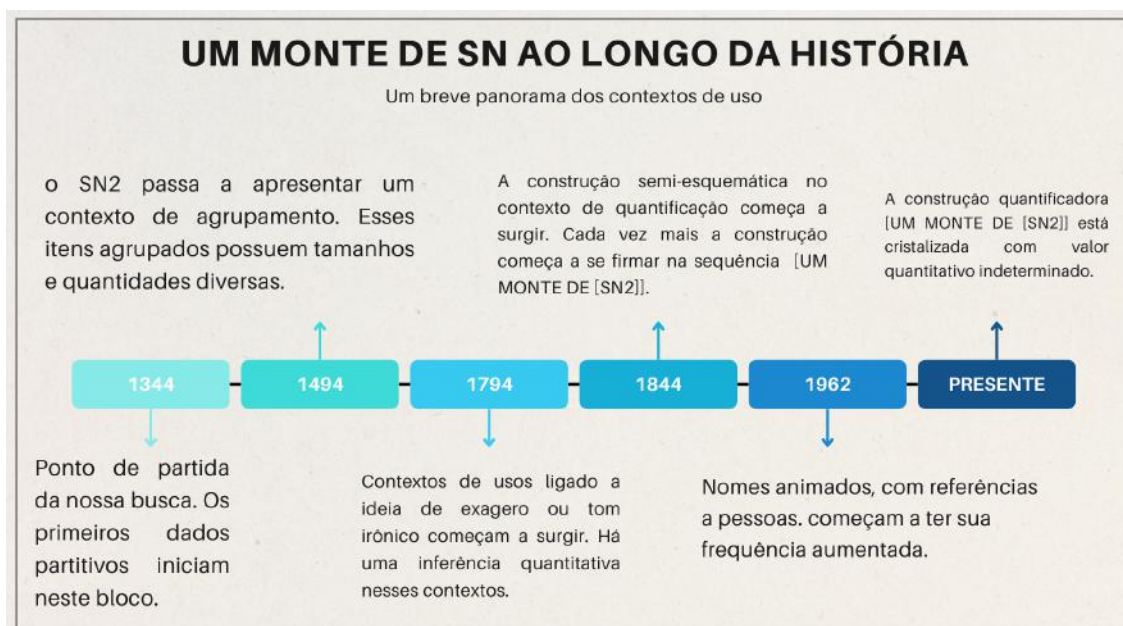


Figura 2. Panorama dos contextos de usos. Criação autoral.

Em suma, o presente trabalho, apresenta um breve panorama histórico de como a construção binominal quantificadora *um monte de sn* foi se modificando até chegar no seu sentido final - de quantificação. É interessante observar que os resultados finais vão de encontro ao que é proposto por Alonso (2010), ao longo da história fomos capazes de

perceber como cada uso foi essencial para que o próximo uso fosse estabelecido na língua. Durante todos os contextos, a semelhança entre alguns fatores linguísticos e semânticos-pragmáticos nos demonstraram como a gradiência está presente na língua. Ao mesmo tempo que vamos presenciando novos contextos de usos para as construções binomiais, também observamos as semelhanças presentes neste campo, por exemplo, a dificuldade de separar um contexto que apresente um uso agrupado ou de quantidade indeterminada. Ainda há muitos pontos que podem ser levantados a respeito desse trabalho, como por exemplo, a presença de pronomes demonstrativos atrelados à construção, mas devido ao tempo e os recursos disponíveis, infelizmente não consegui explorá-los melhor. Por este motivo, espero que este trabalho possa contribuir com os estudos das construções binomiais quantificadoras, especialmente a construção *um monte de sn*, e que possa servir de inspiração para futuras investigações.

## 6. Bibliografia

ALONSO, K. S. B. Construções Binomiais Quantitativas e Construção de Modificação de Grau: Uma abordagem baseada no uso, 2010. Tese (Doutorado em Linguística). PPG em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

BARLOW, M., KEMMER, S. (Org.). Usage based models of language. Stanford, California: CSLI Publications, 2000.

BRODBECK, R. C. M. S. Um monte de problemas gera uma chuva de respostas: um estudo de caso de desencontro na quantificação nominal em português, 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

BYBEE, J. Language, usage and cognition. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CEZARIO, M. M.; FURTADO, M. A. Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2013.

CROFT, W. Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective. Oxford University Press on Demand, 2001.

DAVIES, M. and MICHAEL F. (2006-) Corpus do Português: Historical Genres. Available online at <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>. Acesso em: 28 de setembro de 2023.

FUMAUX, N. C. A. Construcionalização de um monte de SN: uma abordagem centrada no

uso. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

FUMAUX, N. C. Um monte de quantificadores: Uma análise colostrucional da construção quantificadora Um(a) N1 de N2, 2022. Tese (Doutorado em Linguística). PPG em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

GOLDBERG, A. E. A construction grammar approach to argument structure. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG A.; CASENHISER, D. English Constructions. Handbook of English Linguistics. In April McMahon and Bas Aarts (eds.) Blackwell Publishers, 2006.

MARTELOTTA, M. E. Mudança Linguística: Uma Abordagem Baseada No Uso. São Paulo: Cortez, 2011.

TRAUGOTT, E. C. & TROUSDALE, G. G. Constructionalization and Constructional Change. Oxford University Press: OXFORD, 2013.